

AVELHA, de Ivana Iza (adaptado para o teste)
Colaboradores: Flávio Rabelo e Tainan Costa Canário

(Duas cadeiras, dois copos cheios de água no chão, uma samambaia, que ela chama de Josi, ela conversa com Josi. Ela respira, olha para a samambaia, em seguida vai até um dos copos e bebe água. Põe o copo de volta ao chão e senta em duas cadeiras).

Meg - Será que ele vem, Josi? Cresci olhando sempre para os olhos dos homens que amei esperando que eles fizessem algo que nem eu sabia ao certo o que era... Você sabe que meu filho nunca precisou de pai, assim como você não precisa de outra samambaia para se reproduzir. Pedro até hoje acha que precisa, mas não. Eu não sou comum, porque a mulher comum é castigada, doutrinada e encurralada, por isso sou artista desde que nasci. Sou livre. Cada vez mais. Cada vez mais. Deixa eu explicar Josi, abandono vai além de deixar alguém só. Seria como estar com quem se ama depois de uma noite de sexo maravilhosa, e a pessoa virar pra o lado e dormir, isso também é abandono. Há várias formas de abandono, o silêncio numa briga, um balde transbordando, uma luz queimada, um bebê que chora no berço, ou eu deixar de te dar aguinha. Quer um golinho de água, minha flor?

(Pega o outro copo de água e caminha até Josi, agoa a samambaia cantarolando uma música de ninar. Percebe que a água colocada na samambaia começa a escorrer).

Não chore, Josi. Não chore, meu amor. Vai passar, viu! Vai passar! Passou, passou, passou, passou...

(Volta a cantarolar a música de ninar, à medida que vai consolando Josi, ela começa a se emocionar).



COMO O VENTO, de Luís Alberto de Abreu

Ungária - Este circo é meu. E lembro o escuro da noite e um vendaval. Chuva, vento, a lona cortada em farrapos pela fúria da tempestade, barracas viradas, mastro partido e medo, muito medo! Pela manhã, o que era circo, o que tinha sido espetáculo era só um amontoado colorido e confuso de tábuas, tecidos e lama. E no meio do arraso um homem pequeno, que não sei quem é, sentado. Chora. Eu também choro. Ele diz: chega! Eu digo: chega! É o fim! E chorando e dizendo chega começo a recolher os trapos, as tábuas, as cordas. E eu falo pra ele: É a última vez! Ele chora e eu grito: Levanta a bunda, Severo, e chora trabalhando! Com ajuda do povo do lugar reerguemos o circo. E fizemos o espetáculo só mais uma vez. E só mais outra. E só mais outra... E, por anos, sonhamos em desistir do circo pela manhã para abraçá-lo e amá-lo à noite durante o espetáculo. (...) Não, nem tudo é alegria no circo. Nós apenas recordamos, já que nosso tempo é escasso, nossas melhores lembranças. Aquelas que deram sustentação à nossa vida quando tínhamos uma. Sei que você não é de circo porque seu olho é sempre o mesmo. (*Luís ri*) Se você ri, se você grita, se você chora, seu olho é o mesmo, não muda.



O REI DA VELA, de Oswald de Andrade

Abelardo I – Com muita honra! O Rei da Vela miserável dos agonizantes. O Rei da vela de sebo. E da vela feudal que nos fez adormecer em criança pensando nas histórias das negras velhas... Da vela pequeno-burguesa dos oratórios e das escritas em casa... As empresas elétricas fecharam com a crise. Ninguém mais pode pagar o preço da luz... A vela voltou ao mercado pela minha mão previdente. Veja como eu produzo de todos os tamanhos e cores. (*Indica o mostruário*). Para o Mês de Maria, para as cidades caipiras, para os armazéns do interior onde se vende e se joga à noite, para a hora de estudo das crianças, para os contrabandistas no mar, mas a grande vela é à vela da agonia, aquela pequena velinha de sebo que espalhei para o Brasil inteiro... Num país medieval como nosso, quem se atreve a passar os umbrais da eternidade sem uma vela na mão? Herdo um tostão de cada morto nacional!



O SANTO E A PORCA, de Ariano Suassuna

Euricão - Ai minha porquinha que herdei de meu avô e esse criminoso quer tomar! Ai minha porquinha! (*Cai desfalecido sentado numa cadeira e abraçado em sua porquinha*). Ai minha porquinha adorada, ai minha porquinha do coração! Querem roubá-la, querem levar meu sangue, minha carne, meu pão de cada dia, a segurança de minha velhice, a tranqüilidade de minhas noites, a depositária de meu amor! Mas parece que Santo Antônio me abandonou por causa da porca. Que santo mais ciumento, é "ou ele ou nada"! É assim? Pois eu fico com a porca. Fui seu devoto a vida inteira: minha mulher me deixou, a porca veio para seu lugar. E nunca nem ela nem você me deram a sensação que a porca dá. Ah, minha bela, ah, minha amada! Aqui você fica muito à vista de todos, todo mundo deseja a sua beleza, a sua bondade. É melhor levá-la para um lugar escondido. (*Escondendo a porca*). Aí você ficará em segurança e eu poderei dormir de novo. E você, Santo Antônio, deve se contentar agora com minha pobreza e minha devoção. Eu não o esqueci. Não deixe que esses urubus descubram meu dinheiro! Faça isso, meu santo, e a banda de jerimum que eu ia dar a Caroba será sua. Menos as sementes, viu? As sementes eu quero para fazer xarope e vender no armazém. Ganha-se pouco, mas sempre é alguma coisa para se enfrentar a crise e a carestia! (*Saindo de cena*).

TUDO O QUE COUBE NUMA VHS, de Giordano Castro

- Eu não quero que você vá embora. Se você não for, você não vai precisar voltar. Eu não quero que você não volte. Por isso eu não quero que você vá embora. Eu não quero que você saia por aquela porta. Não quero que você verifique se está tudo dentro dos bolsos. Trave o seu celular e coloque no bolso esquerdo e a carteira no bolso direito das costas. Não quero que você me dê adeus. Eu não quero ter a dúvida "é assim mesmo, Adeus?" Não quero que você me olhe de cima pra baixo e me beije a testa, minha cabeça, meu olho. Não quero ter que saber qual era o tamanho do seu corpo quando for a uma loja. Não quero te ver indo e ficar observando pela janela. Não quero ter que esperar uma mensagem no celular dizendo que chegou bem, não precisa mandar mensagem é só você não ir. Eu sei que essa mensagem não vai chegar. Eu não quero te ver colocando a roupa e se olhando no espelho pra ir embora. Eu não quero ter que perceber que a camisa de botão ficou legal em você. Eu não quero perder você, pra ninguém e nem pra morte. Eu não quero que você morra. Eu não quero você longe de mim. Eu não quero te dividir com a morte. Eu não gosto da morte, eu nunca entendi ela. Pra que então isso? Não vamos morrer! Podemos criar uma outra realidade. Um outro mundo, uma outra língua. Só fica aqui... vamos colocar esse plano em prática. Vamos criar um novo mundo.

VOO AO SOLO, de Daniela Beny (adaptado para o teste)

- Senta aqui pra ajudar a vó... tô acendendo uma velinha pra São Francisco de Assis, é esse daqui com o passarinho, ele protege os animais, bora rezar pra São Francisco ajudar nossa gatinha dar cria? Hoje nasce os filhotinhos porque é noite de lua cheia. São Francisco era amigo de Santa Clara, quando chove muito a vó vai lá no quintal, reza pra Santa Clara clarear o dia e joga um pedaço de sabão no telhado, se não der certo, a criança da casa desenha um sol com um pedaço de tijolo na calçada pra o céu abrir. Se não tiver criança em casa? Reza para São Pedro fechar a torneira do céu. Se for chuva de trovoada, pede para Santa Bárbara se acalma, ela é santa guerreira, quando se zanga, fica brava jogando por aí um monte de raio, de relâmpago e de trovão. Sabia que a lua cheia é lua de São Jorge? Para salvar uma princesa ele lutou contra um dragão, agora mora lá na lua, quando a lua tá cheia, chega dá pra ver ele montado no cavalo lutando com o dragão. Quem te protege aqui na Terraé São Jorge e Santa Bárbara... por isso que tu briga tanto... Essa daqui não podia comer, nem sorrir coitada, escrava Anastácia, ela era uma princesa na África, olha... tá vendo? Ela tinha olho azul. Trouxeram ela como escrava, o dono dela mandou botar essa mordaza para ela não poder falar com os outros escravos, nem rezar... A gente reza por ela, para que nunca príba a gente de falar. Tudo na vida vem pela boca, a comida, a palavra... é que nem peixe, a gente tem que tomar cuidado para não morrer por ela.



AMORES SURDOS

Grace Passô

Joaquin está sonâmbulo e fala com a plateia.

Joaquim: Boa noite. Obrigado por terem vindo. Desculpem começar assim, cortando o sonho de vocês, mas para que tanto suspense? Todas as histórias do mundo já foram contadas. Essa é só mais uma história comum, que toma café, em que um briga com o outro, em que um adoce, enfim: com nossos problemas cotidianos. No começo, este telefone vai tocar, porque meu irmão, que mora longe está com muitas saudades de nós. Depois nós vamos ficar aqui, convivendo com nossos hábitos particulares; até que no final o telefone vai tocar novamente, nós vamos atender e receber a notícia de que meu irmão se suicidou. A nossa história é essa.

Vocês são grandes, eu sou grande, ninguém aqui é Pequeno... todo mundo sabe onde está. Todos sabem que amanhã eu vou repetir as mesmas coisas que eu estou falando agora. Todos sabem que amanhã eu vou entrar nesse lugar e dizer:

Boa noite. Obrigado por terem vindo, mas todas as histórias do mundo já foram contadas... Essa é só mais uma história de uma família, assim como a de vocês. No começo, o telefone vai tocar, porque meu irmão está com muitas saudades de nós, depois nós faremos algumas coisinhas comuns do dia a dia de uma família, até que no final o telefone vai tocar novamente, nós vamos atender e receber a notícia de que meu irmão se suicidou. A nossa história é essa.

É isso: Todas as histórias do mundo já foram contadas. Vocês sabem: em alguma hora, um celular vai tocar aí (*apontando o espaço da plateia*), algumas pessoas vão pensar "Nossa, que falta de educação deixar o telefone ligado aqui!" Aí o dono ou vai



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

desligar seu telefone para ser fiel à educação que sua família lhe deu, ou vai sem culpa, atender, falando baixo, “Oi, tô em outra realidade! Depois te ligo!” Alguns de nós vão pensar "Será que desliguei meu telefone?" E nós vamos continuar nossa história, nossos dias comuns... Para alguns esta história vai se passar rápido, para outros ela pode demorar, sua vida inteira.

No final haverá aplausos. Minha família vai abrir as portas desse lugar para que vocês possam continuar suas vidas, continuar regando suas plantas, continuar criando seus animais de estimação...

Corre os olhos pela plateia.

PERCEBENDO A VIDA, COM ENGENHO E ARTE, de Homero Cavalcante
(adaptado para o teste)

A venda do meu avô... ah, aquela venda, era a necessária magia em minha vida. Ali, principiei a tudo perceber como através de um caleidoscópio ou de um ínfimo caco de vidro contra a luz que nos brinda com feixes de cores em raios de claridades.

As mercadorias, costumeiras naquela qualidade de comércio, se expunham desordenadamente em prateleiras, em caixotes, em barricas e balcão.

O meu avô, havia criado um mundo, à margem das vidas bestas daquelas pessoas que iam até a sua venda comprar suas precisões. Eram feijões, farinhas, cafés, rapadura, esteira de periperi para forrar o chão e madornar, cangalhas para burros de carga, cordas de agave para laçar boi brabo, querosene para candeias... e várias outras necessidades.

Eu tive um avô, que se fazia e vivia vários personagens. Eu tive um avô, que estudava os astros; que assentava anotações em grossos cadernos de papel ao maço, devidamente numerados; que compunha melodias, poesias e aforismos.

A vida, é a realidade do que sonhamos. A arte, é a seiva da vida... As palavras, ai que valor e potência possuem as palavras!

Dependendo da fase da lua, eu e meu avô, fazíamos as nossas apresentações. Era quase um ritual, sob o luar que nos iluminava e a brisa que nos aflagava. A venda, era fechada para seus outros negócios. Diante suas portas, era colocado um pequeno tablado coberto por um esquecido tapete entre outros guardados.

Nem carecia, fazer pregões das nossas apresentações. O povo, por ver a lua cheia, se aproximava.



Depois dos aplausos, todos se retiravam em silêncio. Como se ruminassem consciências sobre o que acabavam de assistir. Era, naquele instante, que cada um acenava para si próprio decisões a tomar. Propósitos a serem cumpridos.

Depois... depois, suas vidinhas singelas, voltavam a escoarem monótonas... talqualmente um riachinho por entre pedrinhas polidas pelos afagos de suas águas e carinhos dos peixinhos.

Assim... moldavam o viver, por entre tudo que lhes assaltava.